



**Texto partilhado durante a homilia da Celebração Eucarística de 15/11/18
na Igreja São Domingos, Perdizes, em São Paulo**

**Alberto Magno:
grandezas e sofrimentos
de uma vocação intelectual**

(Texto traduzido e adaptado por Frei Márcio Couto, OP)

A glória de Alberto Magno foi muito extensa, inclusive enquanto viveu. Ele era citado ainda em vida como uma “autoridade”, e este privilégio extraordinário excitava a cólera e a inveja de Roger Bacon, outra glória do século XIII. Um poeta da mesma época escreveu que Alberto era um gênio filosófico universal. Alberto foi, de fato, um gênio universal. De sua obra se contam 38 volumes, e boa parte dela permanece, todavia, inédita.

Alberto, que fisicamente era de altura média, mas de vigorosa constituição, tinha o gosto e o instinto de um grande. Num mundo em plena efervescência intelectual, onde as doutrinas se expandiam com uma rapidez de que nem podemos fazer ideia, se opunham umas às outras e encontravam fervorosos discípulos, Alberto compreendeu rapidamente aquilo que a Providência esperava dele. Uma vocação intelectual é algo extremamente delicado e exige, geralmente, estímulos constantes. Ignoramos quais foram os Mestres e primeiros guias de Alberto, no entanto, indubitavelmente com sua inteligência precoce e sua imensa curiosidade, deve ter forjado por si mesmo sua própria experiência. Seu desejo era colocar ao alcance dos latinos toda a ciência dos gregos, dos judeus e dos árabes. O pensamento grego, e especialmente a filosofia de Aristóteles, eram conhecidos muito imperfeitamente no Ocidente. Nos primeiros anos do século XIII, foi quando penetraram massivamente, geralmente através de traduções defeituosas e acompanhadas de comentários árabes que eram incompatíveis, em numerosos pontos, com a vida cristã. Impunha-se, então, um imenso trabalho de discernimento e adaptação. Alberto seria seu pioneiro.

Para isso não economizou sacrifícios e o próprio Roger Bacon o elogiou a esse respeito. Ele chegou mesmo a ir a Grécia buscar boas traduções e bons tradutores de Aristóteles.



Ele rendeu à ciência e a filosofia o inapreciável serviço de ver nitidamente e reivindicar com força a originalidade e a autonomia de seu objeto, de seu método: “O falar de um filósofo, escreve, não vale tanto quanto suas razões”. “Quando Santo Agostinho e os filósofos não se põem de acordo sobre questões de fé ou moral, é a Santo Agostinho que devemos crer. No entanto, se se trata de medicina, eu daria meu assentimento a Galeno ou a Hipócrates, e se se trata de ciências naturais a Aristóteles”. Semelhantes reivindicações não se conseguiram sem luta, inclusive no interior mesmo da Ordem dominicana.

Alberto teve que defender os direitos da ciência pura e os métodos racionais ou experimentais contra os tradicionalistas da época: “São néscios, diz ele, que blasfemam o que ignoram”.

Alberto termina assim seu comentário sobre a Política: “Eu lhes digo por causa de alguns preguiçosos que, querendo buscar uma desculpa para sua preguiça, só buscam nos livros coisas para criticar. Na sonolência de sua preguiça e para não se sentirem sozinhos em não fazer nada, buscar encontrar uma tarefa nos eleitos. Foram eles que mataram Sócrates, que fizeram fugir Platão e obrigado com suas maquinações ao próprio Platão retirar-se” E Alberto termina pedindo que se lhe deixe trabalhar em paz e, “na tranquilidade da vida comum, para buscar a verdade”.

Alberto tem duas almas: uma, cheia de grandes desejos, de ambições mais vastas do que o mundo: intui a grandeza e quer realiza-la. Mas ele se sente fraco, conhece suas limitações, o esgotamento de suas forças espirituais no imenso trabalho que deve realizar.

Desde o começo lhe parece dura sua vocação dominicana e teme não poder conserva-la. Antes de tomar o hábito, se vê a si mesmo, em sonhos, entrando na Ordem e saindo depois. Mais tarde, contava – e é plausível crer que fala de si mesmo – o que dizia um noviço a quem conheceu, com o coração cheio de angustia, repetindo as mesmas palavras que a tradição atribuí ao santo Simeão: “Meu Deus, o Senhor crê que eu o verei alguma vez, crê que durarei nesta Ordem?”.

Alberto acreditou na inteligência e acreditou na ajuda de Deus. Ele acreditou na inteligência. Acreditou que a vida divina mais elevada, esse mundo soberano al qual aspirava, mantinha uma harmonia profunda com o mundo da ciência e o domínio de nossos pequenos raciocínios. Do mesmo modo que Deus deu, com maior força que a outros, o amor pelo sacerdócio e a hierarquizados santos inspirados, cuja missão era de dar nova vida ao espírito sobrenatural dos sacerdotes, de igual modo, deu Deus, com maior força que a outros, o sentimento da unidade do mundo, da única ordem sobrenatural a qual pertencem os fatos da natureza e os da graça, a este sábio que devia reivindicar a autonomia da ciência pura. Alberto concebeu, com uma clareza única, a necessidade que a natureza tem da graça para receber toda sua perfeição. A graça é sempre gratuita e assim mesmo o dom indulgente de Deus. Mas em profundidade a natureza espiritual é capaz de aceder a ela e, como chave mestra resulta ser conservadora suprema da ordem que ela aperfeiçoa em sentido ascendente.



Alberto crê imediatamente no socorro de Deus, crê precisamente que esta graça, perfeição da criatura espiritual, era poder, e que com ela podemos levar a melhor parte. Tais considerações se encontram muito frequentemente em sua teologia da graça, nos dons do Espírito Santo, que segundo ele, produzem em nós certa suavidade que descarta o desalento e o poder de consolo. A presença de Deus em nós aparece para Alberto como uma força tranquila, comparável com a serenidade de um dia de verão e que, lentamente nos prende, nos atrai a si, nos leva à paz e à segurança.

Estes traços nos parecem notáveis na experiência religiosa de Alberto. Esse espírito surpreendente, chamado a uma vocação intelectual e espiritual de primeira ordem, pronto a chegar até o limite de suas possibilidades, tentado pelo trabalho e a inquietude, confia na inteligência e na graça de Jesus. Crê ao mesmo tempo no espírito e no Espírito, porque só isso traz a salvação. Para aceder às regiões superiores da experiência e do conhecimento, recorre aos caminhos autênticos. Vive, sofre o problema da unidade da síntese, que é o grande tormento do espírito alemão, mas o resolve.

Alberto crê que a unidade existe e a vive a fim de descobri-la melhor através de sua razão. Ele é um gênio católico, um gênio da unidade.